

# O MENINO QUE APRENDEU A SORRIR

*Uma pausa cognitiva*

Minha primeira máscara não chegou como uma mentira.

Chegou como um sorriso.

Ninguém me fez sentar e disse: “Esconda quem você é.”

Crianças raramente recebem instruções tão diretas. As lições vêm disfarçadas de aprovação. Um olhar. Um aceno de cabeça. Um silêncio que desaparece quando você se comporta do jeito certo.

Aprendi cedo que as pessoas relaxavam quando eu sorria.

Os adultos pareciam menos preocupados.

Os ambientes ficavam mais calmos.

A tensão se afrouxava.

Descobri um tipo estranho de poder. Não o poder da força. Não o poder da autoridade. O poder de tornar a vida mais fácil para os outros.

No começo parecia inocente.

Uma criança quer harmonia do jeito que uma planta quer sol.

Mas todo dom tem um custo escondido.

Quanto mais eu aprendia a ler o tempo emocional ao meu redor, menos atenção prestava ao meu próprio clima.

Eu sabia quando os outros estavam decepcionados.

Sabia quando estavam com raiva.

Sabia quando precisavam ser tranquilizados.

Mas raramente parava para perguntar do que eu precisava.

Fiquei hábil em me adaptar.

Essa habilidade me serviria bem.

Anos depois, ela me ajudaria a trabalhar entre culturas, países, línguas e continentes.

Mas, antes de se tornar um trunfo profissional, era simplesmente uma estratégia de sobrevivência.

Um menino tentando manter a paz.

O problema das máscaras não é que elas enganem os outros.

O problema é que funcionam.

Funcionam tão bem que, com o tempo, as pessoas começam a recompensar a atuação.

E, quando uma atuação começa a gerar afeto, aprovação e pertencimento, tirá-la se torna perigoso.

Você corre o risco de perder a plateia.

Então continuei sorrindo.

Não porque estivesse feliz.

Porque era o que se esperava.

E em algum lugar dentro daquela criança sorridente vivia uma pergunta que me acompanharia por décadas:

Se todo mundo ama a máscara, o que acontece com o rosto que está por baixo?

---

*Ferdinando*